

Abordagem sobre terapias complementares na epilepsia *Approach to complementary therapies in epilepsy*

Ana Luísa Moreira Barreiro de Araújo¹
Francisca Evelyn Abreu de Lira²
Henrique Jorge Rebouças Júnior³
Maria de Fátima Trigueiro Silva⁴
Maria Izadora de Caldas Francelino⁵
Milena Nunes Alves de Sousa⁶

RESUMO: Introdução: A epilepsia é uma condição neurológica crônica, caracterizada por ser a 4ª desordem neurológica mais prevalente no mundo. O tratamento convencional para epilepsia acarreta diversos efeitos adversos que podem comprometer a qualidade de vida do indivíduo. Nesse intuito, verificou-se um potencial muito grande na utilização de terapias complementares no tratamento dessa doença. Objetivo: Identificar as terapias complementares utilizadas na epilepsia e as mais utilizadas. Método e Materiais: Foi adotado o método de Revisão Integrativa realizada na plataforma de busca da National Library of Medicine (NLM/PUBMED) e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando-se Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) em inglês associados a utilização do operador booleano (AND) – “Complementary Therapies” AND Epilepsy, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, selecionaram-se dezoito artigos que constituíram essa pesquisa. Resultados: O estudo indicou que existem várias terapias complementares utilizadas no tratamento da epilepsia ao redor do mundo, entre as quais encontram-se: vitaminas e minerais, acupuntura, antioxidantes, medicamentos tradicionais chineses, exercício físico, religiosidade, fitoterapia, plantas medicinais, flavonóides, musicoterapia, entre outros. Observou-se que o uso dessas terapias diminuiu consideravelmente a ocorrência de crises epilépticas, além da diminuição da frequência e duração das convulsões. Conclusão: Pacientes com epilepsia apresentaram melhora significativa com uso das terapias complementares, destacando-se o uso de: exercícios físicos, fitoterápicos, flavonóides, medicina tradicional chinesa e dietoterapias, as quais apresentaram significativa melhora da qualidade de vida dos indivíduos acometidos. Recomenda-se, portanto, o desenvolvimento de pesquisas mais robustas.

Palavras-chave: Epilepsia; Fitoterapia; Plantas Medicinais; Qualidade de vida.

ABSTRACT: Introduction: Epilepsy is a chronic neurological condition, characterized by being the 4th most prevalent neurological disorder in the world. Conventional treatment for epilepsy causes several adverse effects that can compromise the individual's quality of life. In this sense, there is great potential in the use of complementary therapies in the treatment of this disease. Objective: To identify the complementary therapies used in epilepsy and the most used ones. Method and Materials: The Integrative Review method was adopted, carried out on the search platform of the National Library of Medicine (NLM/PUBMED) and on the Virtual Health Library (VHL), using associated Health Sciences Descriptors (DeCS) in English using the Boolean operator (AND) – “Complementary Therapies” AND Epilepsy, after applying the inclusion and exclusion criteria, eighteen articles were selected that constituted this research. Results: The study indicated that there are several complementary therapies used in the treatment of epilepsy around the world, among which are: vitamins and minerals, acupuncture, antioxidants, traditional Chinese medicines, physical exercise, religiosity, phytotherapy, medicinal plants, flavonoids, music therapy, among others. Note that the use of these therapies considerably reduced the occurrence of epileptic seizures, in addition to a decrease in the frequency and duration of seizures. Conclusion: Patients with epilepsy showed significant improvement with the use of complementary therapies, highlighting the use of: physical exercises, herbal medicines, flavonoids, traditional Chinese medicine and diet therapies, which demonstrated a significant improvement in the quality of life of affected individuals. Therefore, the development of more robust research is recommended.

Keywords: Epilepsy; Phytotherapy; Medicinal Plants; Quality of Life.

¹ Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos. E-mail: anaaraujo2@med.fiponline.edu.br

² Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos. E-mail: franciscalira@med.fiponline.edu.br

³ Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos. E-mail: henriquejunior@med.fiponline.edu.br

⁴ Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos. E-mail: mariasilva2@med.fiponline.edu.br

⁵ Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Patos. E-mail: mariafrancelino@med.fiponline.edu.br

⁶ Doutora e Pós-Doutora em Promoção da Saúde. Pró-Reitora de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão e Docente no Centro Universitário de Patos. E-mail: milenanunes@fiponline.edu.br. ORCID: 0000-0001-8327-9147

INTRODUÇÃO

É notório que a epilepsia é uma alteração neurológica crônica que, atualmente, pode ser classificada em 4 tipos: focal, generalizada, generalizada e focal combinadas e desconhecida (GAMBARRA *et al.*, 2019; KWON *et al.*, 2019). É a quarta desordem neurológica mais comum e descrita como uma condição cerebral caracterizada por uma predisposição de longa duração a crises epiléticas (FISHER *et al.*, 2014).

Assim, drogas antiepiléticas (DAEs) são geralmente o tratamento de primeira linha para a epilepsia e a adesão a estes é de extrema importância para alcançar seu controle ideal. No entanto, apesar de cumprir um regime de DAE, mais de 30% dos pacientes com epilepsia continuam a ter convulsões e má percepção de saúde (CHEN *et al.*, 2016). Por esse viés, os efeitos adversos dos medicamentos tradicionais além da sua resistência tornam-se intolerável, sendo eles o impacto negativo no desenvolvimento cognitivo, comportamental, bem-estar psicossocial e na qualidade de vida (SHARP; SAMANTA; WILLS, 2014).

No contexto dessa situação, há uma busca constante por novos modos de tratamento, em que foram vistas abordagens neuroprotetoras e anti epileptogênicas no tratamento e prevenção da crise, juntamente com a medicina complementar. Além disso, acupuntura, quiropraxia e o ioga são frequentemente usadas (MARIO *et al.*, 2013; SILVA *et al.*, 2022).

Sabe-se que o tratamento da epilepsia com terapias complementares vem crescendo de forma muito rápida ao decorrer dos anos (ASMI *et al.*, 2013). Tendo em vista esse fato, em várias pesquisas o uso da medicina complementar e alternativa (CAM) é almejado em detrimento ao tratamento convencional insuficiente, fora do preço desejado ou com diversos efeitos colaterais (DOERING *et al.*, 2013).

A CAM é composta por diversas práticas, sistemas e produtos terapêuticos que não condizem com o que se conhece como “medicina convencional”. Diversas evidências sugerem que o uso da CAM, associada com a medicina convencional ou em monoterapia está em crescimento exponencialmente em diversos países (ASMI *et al.*, 2013). Práticas não farmacológicas que auxiliam no manejo da doença são definidas como abordagens complementares e alternativas, sendo que as complementares são tidas como uma abordagem associada ao uso da medicação indicada, enquanto a abordagem alternativa se refere à substituição da opção farmacológica (ISLER *et al.*, 2014).

Em indivíduos com epilepsia, o exame do uso de Medicina Complementar e Alternativa (MCA) é indicado devido à incidência de efeitos colaterais de medicamentos, qualidade de vida, comorbidade psiquiátrica e convulsões contínuas após farmacoterapia

(BEATTIE *et al.*, 2017). Além disso, sabe-se que embora a relutância em decorrência ao estigma e a falta de informação, existe uma crescente evidência em pesquisas sobre os benefícios do uso da medicina complementar, sendo uma delas o exercício, usado para controle das crises e melhora da qualidade de vida dos indivíduos com epilepsia, utilizado assim com tratamento complementar para tratar e prevenir sintomas da patologia (MARIO *et al.*, 2013).

Com isso, as terapias complementares mais utilizadas na Epilepsia são: fitoterapia, ervas, produtos alimentícios, vitaminas, suplementos, atividade física, religiosidade, acupuntura, meditação, ioga, musicoterapia, neuroestimulação, homeopatia, ioga, biofeedback EGG, cinesiologia, vitaminas e fitoterápicos. O uso dessa medicina para doenças crônicas está se tornando cada vez mais comum (ASMI *et al.*, 2013; HARTMANN *et al.*, 2016)

Destarte, propõe-se identificar as terapias complementares utilizadas na epilepsia e as mais utilizadas. Tendo em vista que o uso da CAM é almejado em detrimento ao tratamento convencional insuficiente, fora do preço desejado ou com diversos efeitos colaterais (DOERING *et al.*, 2013).

MÉTODOS

O estudo em questão refere-se a uma Revisão Integrativa de Literatura (RIL), consistindo em uma compilação de evidências literárias prévias sobre um determinado tema ou questão norteadora, possibilitando um conhecimento mais vasto sobre um fenômeno específico. (SOUSA, 2016; HERMONT *et al.*, 2020).

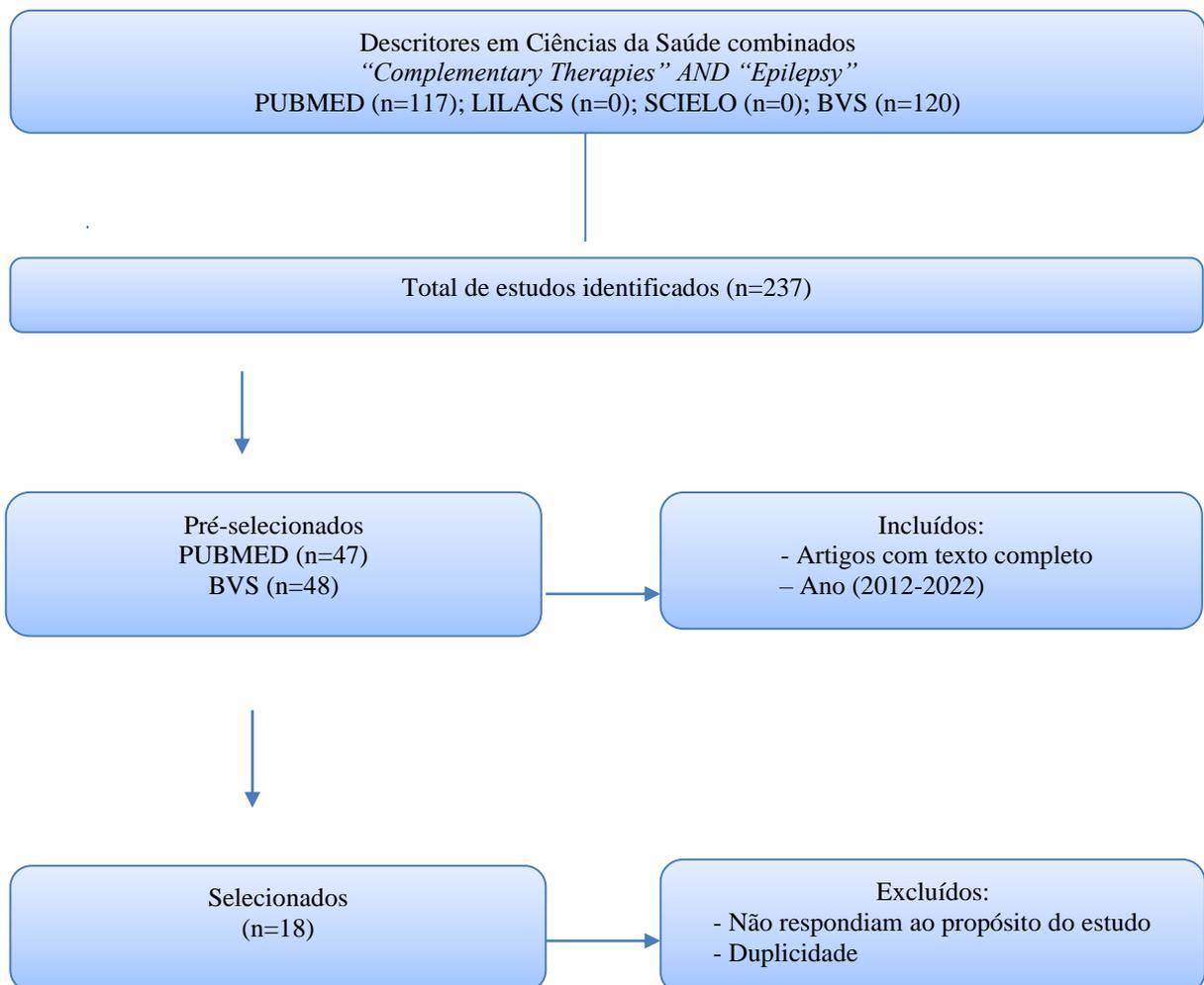
Na formulação deste estudo, foram seguidos seis passos (SOUSA, 2016; HERMONT *et al.*, 2020), a saber: 1) Escolha do tema e da questão norteadora, 2) Pesquisas utilizando determinados descritores e amostragem sistematizada em duas bases de dados, 3) Identificação dos estudos selecionados e pré-selecionados, 4) Categorização dos estudos selecionados, 5) Discussão dos resultados e 6) Apresentação e síntese do conhecimento.

O momento inicial foi fundamentado na procura do tema e na elaboração da questão norteadora: “Quais são as terapias complementares na epilepsia e as mais utilizadas?”. Após, foi realizada a busca com base nos Descritores em Ciências e Saúde (DeCS) em inglês associado a utilização do operador booleano (AND) – “*Complementary Therapies*” AND *Epilepsy* - nas bases de dados *National Library of Medicine* (NML/PubMed), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Literatura Latino-

Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). O uso dessas ferramentas permitiu uma pesquisa mais minuciosa e assertiva.

Em seguida, foram descartadas as bases de dados LILACS e SciELO, pois não havia artigos que contemplassem a temática. Houve a seleção dos estudos que responderam à questão norteadora, em que inicialmente, foram analisados 237 trabalhos, dentre os quais, 117 foram extraídos da PubMed e 120 da BVS. Desses, foram descartados 142 artigos que não respondiam à questão norteadora requerida e que apresentavam duplicidade. Dos analisados entre os 237, foram pré-selecionados 95 que seguiam os critérios de inclusão os quais consistem em: ano e artigos com texto completo. Dentre esses foram selecionados 18 artigos que respondiam assertivamente à pergunta dentre os mesmos critérios de inclusão (Figura 1).

Figura 1: Fluxograma de seleção dos estudos



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Por conseguinte, foi realizada uma categorização dos estudos selecionados a partir da utilização de três quadros desenvolvidos no Microsoft Word. O primeiro contemplou a caracterização geral dos artigos selecionados, sendo que foram avaliadas as seguintes variáveis: título, autor, ano, idioma, país, periódico e tipo de estudo. O segundo apresentando os principais resultados e o terceiro listando as principais categorias: religiosidade e espiritualidade, fitoterapia, atividades físicas, acupuntura, meditação, ioga, dietoterapias, plantas medicinais, sono, musicoterapia, fisioterapia, neuroestimulação, *biofeedback* e outros.

Nas etapas finais, foram feitas análises críticas, procurando-se entender a importância do tema estudado e as implicações dos resultados dos estudos selecionados para posteriores estudos.

RESULTADOS

No quadro 1, verifica-se que de dezoito artigos selecionados para caracterização geral, 27% foram classificados em estudo transversal e pesquisa bibliográfica, sendo estes os de maior prevalência. Ademais, a predominância do idioma dos artigos escolhidos foi a língua inglesa, o país de origem foi os Estados Unidos da América (EUA), o ano com maior relevância foram 2014 e 2021 e o periódico mais prevalente foi *Epilepsy & Behavior*, resultando em 50%.

Quadro 1: Caracterização geral dos artigos selecionados para compor a RIL.

Autores (Ano)	Título	Idioma e País	Periódico	Tipo de Estudo
ALQAHTA NI <i>et al.</i> , 2020	Non-pharmacological Interventions for Intractable Epilepsy	Idioma: inglês País: Arábia Saudita e Paquistão	Journal Pre- proofs	Pesquisa bibliográfica
ARIDA <i>et al.</i> , 2013	Experimental and clinical findings from physical exercise as complementary therapy for epilepsy	Idioma: português País: Brasil	Epilepsy & Behavior	Revisão Narrativa
ASADI- POOYA <i>et</i>	Complementary and alternative medicine in epilepsy: A global	Idioma: inglês	Epilepsy & Behavior	Pesquisa quantitativa

al., 2021	physicians opinions	Países: mais de 20 países		a
ASMI <i>et al.</i> , 2013	Types and sociodemographic correlates of complementary and alternative medicine (CAM) use among people with epilepsy in Oman	Idioma: inglês País: Omã	Epilepsy & Behavior	Estudo transversal
BEATTIE <i>et al.</i> , 2017	Caregiver-reported religious beliefs and complementary and alternative medicine use among children admitted to an epilepsy monitoring unit	Idioma: inglês País: USA	Epilepsy & Behavior	Estudo transversal
CHEN <i>et al.</i> , 2016	Complementary and alternative medicines use among pediatric patients with epilepsy in a multiethnic community	Idioma: inglês País: Singapura	Epilepsy & Behavior	Estudo transversal
FARRUKH <i>et al.</i> , 2021	Impact of complementary and alternative Medicines on antiepileptic medication adherence among epilepsy patients	Idioma: inglês País: Malásia	BMC Complementary Medicine and Therapies	Estudo transversal
Autores (Ano)	Título	Idioma e País	Periódico	Tipo de Estudo
GOKER <i>et al.</i> , 2012	Complementary and alternative medicine use in Turkish children with epilepsy	Idioma: inglês País: Peru	Complementary Therapies in Medicine	Estudo transversal
HARTMAN N <i>et al.</i> , 2016	Use of complementary and alternative medicine (CAM) by parents in their children and adolescents with epilepsy e Prevalence, predictors and parents' assessment	Idioma: inglês País: Alemanha	Official Journal of the European Paediatric Neurology Society	Estudo de pesquisa

ISLER <i>et al.</i> , 2014	Complementary and alternative approaches used by parents of children with epilepsy on epilepsy management	Idioma: inglês País: Turquia	Epilepsy & Behavior	Estudo descritivo
KWON <i>et al.</i> , 2019	Perspective: Therapeutic Potential of Flavonoids as Alternative Medicines in Epilepsy	Idioma: inglês País: Coréia	Advances in Nutrition	Pesquisa bibliográfica
LI <i>et al.</i> , 2014	WITHDRAWN: Traditional Chinese medicine for epilepsy	Idioma: inglês País: China	The Cochrane Database of Systematic Reviews	Ensaio controlado randomizado
MCCONNELL <i>et al.</i> , 2014	Use of complementary and alternative medicine in an urban county hospital epilepsy clinic	Idioma: inglês País: USA	Epilepsy & Behavior	Estudo de pesquisa prospectivo
MESRAOUA <i>et al.</i> , 2021	Complementary and alternative medicine (CAM) for epilepsy treatment in the Middle East and North Africa (MENA) region	Idioma: inglês Países: Qatar, Marrocos, Canadá, Irã e USA	Epilepsy Research	Pesquisa bibliográfica
PONTON <i>et al.</i> , 2020	A pediatric patient with autism spectrum disorder and epilepsy using cannabinoid extracts as complementary therapy: a case report.	Idioma: inglês País: Canadá	Journal of Medical Case Reports	Estudo experimental
RING <i>et al.</i> , 2019	What really matters? A mixed methods study of treatment preferences and priorities among people with epilepsy in the UK	Idioma: inglês País: Reino Unido	Epilepsy & Behavior	Levantamento

SHARP; SAMANTA; WILLIS, 2015	Options, for Pharmaco-resistant Epilepsy in Children: When Medications Don't Work	Idioma: inglês País: EUA	CME	Revisão bibliográfica
XIAO <i>et al.</i> , 2015	Review of the use of botanicals for epilepsy in complementary medical systems — Traditional Chinese Medicine	Idioma: inglês País: China	Epilepsy & Behavior	Revisão bibliográfica

Fonte: Dados de pesquisa, 2022.

De acordo com o quadro 2, constatou-se que das categorias utilizadas na pesquisa, as que obtiveram maior resultado foram dietoterapia, fitoterapia e plantas medicinais, com percentual de 19,15%, 12,7% e 12,7%, respectivamente.

Quadro 2: Categorização dos estudos selecionados na pesquisa

Categorias	Autores (Ano)	N	%
Acupuntura	FARRUKH <i>et al.</i> , 2021; CHEN <i>et al.</i> , 2016;	2	4,2
Atividades físicas	ARIDA <i>et al.</i> , 2013; HARTMANN <i>et al.</i> , 2016; ISLER <i>et al.</i> , 2014;	3	6,3
<i>Biofeedback</i>	ALQAHTANI <i>et al.</i> , 2020;	1	2,12
Dietoterapias	SHARP; SAMANTA; WILLIS, 2015; ALQAHTANI <i>et al.</i> , 2020; BEATTIE <i>et al.</i> , 2017; CHEN <i>et al.</i> , 2016; FARRUKH <i>et al.</i> , 2021; GOKER <i>et al.</i> , 2012; HARTMANN <i>et al.</i> , 2016; ISLER <i>et al.</i> , 2014; MCCONNELL <i>et al.</i> , 2014;	9	19,15
Fisioterapia	BEATTIE <i>et al.</i> , 2017; HARTMANN <i>et al.</i> , 2016;	2	4,2

Fitoterapia	GOKER <i>et al.</i> , 2012; HARTMANN <i>et al.</i> , 2016 ; KWON <i>et al.</i> , 2019; LI <i>et al.</i> , 2014; MCCONNELL <i>et al.</i> , 2014; PONTON <i>et al.</i> , 2020;	6	12,7
Ioga	ASADI-POOYA <i>et al.</i> , 2021; HARTMANN <i>et al.</i> , 2016 ; RING <i>et al.</i> , 2019;	3	6,3
Meditação	ASADI-POOYA <i>et al.</i> , 2021; RING <i>et al.</i> , 2019; MCCONNELL <i>et al.</i> , 2014;	3	6,3
Musicoterapia	ALQAHTANI <i>et al.</i> , 2020;	1	2,12
Neuroestimulação	SHARP; SAMANTA; WILLIS, 2015; ALQAHTANI <i>et al.</i> , 2020; RING <i>et al.</i> , 2019;	3	6,3
Plantas Medicinais	ASMI <i>et al.</i> , 2013; BEATTIE <i>et al.</i> , 2017; CHEN <i>et al.</i> , 2016; HARTMANN <i>et al.</i> , 2016; SHARP; SAMANTA; WILLIS, 2015; XIAO <i>et al.</i> , 2015;	6	12,7
Religiosidade e Espiritualidade	ASMI <i>et al.</i> , 2013; GOKER <i>et al.</i> , 2012; ISLER <i>et al.</i> , 2014; MCCONNELL <i>et al.</i> , 2014; MESRAOUA <i>et al.</i> , 2021;	5	10,6
Sono	ISLER <i>et al.</i> , 2014;	1	2,12
Outros	MCCONNELL <i>et al.</i> , 2014; MESRAOUA <i>et al.</i> , 2021;	2	4,2

Fonte: Dados de pesquisa, 2022.

DISCUSSÃO

Constatou-se que o uso das terapias complementares no tratamento da epilepsia é amplamente utilizado ao redor do mundo. Dentre essas formas não convencionais de tratamento, destacaram-se: dietoterapias, plantas medicinais, fitoterapia, religiosidade e espiritualidade, atividade física, meditação, ioga, neuroestimulação, acupuntura, fisioterapia, sono, musicoterapia e *biofeedback* (GOKER *et al.*, 2012; ARIDA *et al.*, 2013; ASMI *et al.*, 2013; ISLER *et al.*, 2014; MCCONNELL *et al.*, 2014; HARTMANN *et al.*, 2016; ALQAHTANI *et al.*, 2020; ASADI-POOYA *et al.*, 2021; FARRUKH *et al.*, 2021).

Estudo realizado mostrou que o uso das terapias complementares está atrelado a diversos fatores, indo desde socioeconômicos até culturais. A pesquisa mostrou que esses tratamentos são mais utilizados em países desenvolvidos do que nos em desenvolvimento (FARRUKH *et al.*, 2021). No entanto, em análise realizada da região do Oriente Médio e Norte da África, a maior utilização é justamente nos países mais pobres e em desenvolvimento, além disso, pesquisas indicam que as principais motivações para a utilização desse tratamento em relação aos medicamentos comuns são o baixo custo e a religiosidade (ASMI *et al.*, 2013; MESRAOUA *et al.*, 2021).

Além disso, há também a questão da baixa disponibilidade dos fármacos nas regiões mais pobres, ficando restritos, muitas vezes, à população mais rica associada ao fácil acesso dessas terapias, sendo comercializados livremente (FARRUKH *et al.*, 2021; MESRAOUA *et al.*, 2021).

É notório que algumas práticas da medicina complementar e alternativa (CAM) são mais prevalentes e específicas dependente do país ou cultura, como a ayurveda na Índia ou medicina tradicional chinesa na Ásia. Portanto, a cultura parece influenciar na crença para adesão a terapia complementar (BOSAK *et al.*, 2019; ASADI-POOYA *et al.*, 2019).

No estudo de Farrukh *et al.* (2021), as terapias mais utilizadas foram: vitaminas e minerais, acupuntura, *ginseng*, antioxidantes, medicamentos tradicionais chineses e malaios. A utilização de cada seguimentos desses tratamentos apresentaram divisões por faixa etária, em que os idosos preferiam a medicina tradicional chinesa e os jovens utilizavam mais vitaminas e suplementos. A pesquisa de Asadi-Pooya *et al.* (2021), no entanto, indica que a meditação e a yoga são as terapias complementares mais utilizadas, em que quase a metade dos entrevistados consideraram esses tratamentos mais seguros que os tradicionais.

Em estudo realizado, identificou-se que cerca de 20% das crianças com epilepsia eram resistentes aos fármacos convencionais, restando às mesmas, o uso de terapias

complementares (SHARP; SAMANTA; WILLIS, 2015). Segundo a análise de Hartmann *et al.* (2016), a utilização das terapias complementares obteve resultados muito expressivos em crianças. Cerca de 19% dos pacientes avaliados relataram que as crises epiléticas cessaram e 29% que a frequência e duração diminuíram. No entanto, cerca de 43% não apresentaram melhora alguma e 5% obtiveram um aumento das crises, além dos 5% nos quais não foi possível avaliar a eficácia.

Cuidadores de crianças epiléticas que usaram as terapias complementares por conta própria também relataram o bom desempenho dessas alternativas, destacando-se a ausência de efeitos adversos dessa abordagem não ortodoxa, além disso, os cuidadores indicaram interesse em experimentar o uso de: cannabis, musicoterapia, massagem, vitaminas, medicina tradicional chinesa, acupuntura e suplementos no tratamento das crianças no futuro, além de indicar o uso para outras pessoas (GOKER *et al.*, 2012; ISLER *et al.*, 2014; XIAO *et al.*, 2015; CHEN *et al.*, 2016; BEATTIE *et al.*, 2017).

Segundo a pesquisa de McConnell *et al.* (2014), a Cannabis é a terapia complementar mais utilizada, seguida por oração, meditação, vitaminas e gerenciamento do estresse. Nesse estudo, foi analisada ainda a eficácia dos tratamentos com relação à diminuição na frequência das crises, evidenciando uma maior eficácia no gerenciamento de estresse, seguido pela cannabis e oração e resultados menos expressivos para meditação e vitaminas. Segundo Gouveia *et al.* (2021, p. 5.210), a partir de estudo de revisão, foi constada “melhora clínica efetiva na diminuição das crises epiléticas em pacientes com epilepsia resistente ao tratamento ao se utilizar do cannabidiol, um composto isolado a partir da Cannabis sativa”.

Observou-se que a grande maioria das pessoas utilizavam os medicamentos convencionais juntamente com essas terapias. Um grande problema observado em pacientes aderentes às terapias complementares é a baixa adesão aos tratamentos, tendo como motivos principais o esquecimento e o pulo de doses. Além disso, sabe-se que o uso de medicamentos juntos com outras substâncias pode aumentar os riscos de interações medicamentosas, colocando em risco pacientes que fazem o tratamento por conta própria (FARRUKH *et al.*, 2021).

Segundo Li *et al.* (2014), a utilização dos medicamentos tradicionais chineses em comparação com as drogas antiepiléticas apresentou bons resultados, com diminuição de 50% nas frequências das convulsões, redução da duração, diminuição dos efeitos adversos e, em alguns pacientes, a ausência das convulsões. O estudo contou com o uso de cinco medicamentos tradicionais chineses, os quais são: Grânulo Xiaxingci, Pílula Dianxianning, Cápsula Tianmadingxian, Zhixian I e Cápsula antiepilética.

Outras formas de tratamento são muito utilizadas, podendo ser divididas em: terapias metabólicas, terapias de neuromodulação e outras. Nas terapias metabólicas, tem-se a dieta cetogênica, onde há um aumento na ingestão de gorduras e proteínas associadas a diminuição de carboidratos, induzindo a cetose, dieta de Atkin modificada, onde há menos restrições que a primeira, mas também induz a cetose e dieta anaplerótica, onde há reposição dos intermediários do Ciclo de Krebs. Todas essas dietas apresentaram potencial na diminuição dos sintomas e no desenvolvimento de crises convulsivas (ALQAHTANI *et al.*, 2020).

A terapia musical, foi apontada como uma ferramenta útil para diminuição da atividade convulsiva, principalmente em crianças, tendo em vista que a alta adesão da medicina complementar sustenta a abordagem do seu uso em pacientes pediátricos. Em específico, tem-se o efeito Mozart na qual embora inconclusivo é uma terapia dita promissora no tratamento contra a epilepsia (BRACKNEY; BROOKS., 2017; DOERING *et al.*, 2021).

Ainda segundo Alqahtani *et al.* (2020) e Ring *et al.* (2019), outras terapias como: estimulação do nervo vago, terapia de neuroestimulação responsiva e terapia de estimulação magnética transcraniana, terapia musical e biofeedback apresentaram grande potencial na diminuição das crises e na melhora da qualidade de vida dos pacientes epiléticos.

Pesquisa realizada em ratos com uso de Flavonóides (uma subclasse de polifenóis encontrados nas frutas), apresentaram indícios de que essas substâncias podem trazer diversos benefícios para pacientes com Epilepsia, com pouquíssimos efeitos adversos. No estudo, foram utilizados: Apigenina, Luteolina, Baicalina, Silibinina, Naringina, Morin, Quercetina, Hesperidina e Vitexina. O efeito das substâncias utilizadas em pré-tratamento apresentou diversos efeitos, tais como: redução dos escores de convulsões, atraso no início da convulsão, redução da frequência e duração das crises, neuroproteção, melhoramento do aprendizado espacial e da memória, entre outros. (KWON *et al.*, 2019)

Segundo Arida *et al.* (2013), Ponton *et al.* (2020) e Carrizosa-Moog (2016), pessoas com epilepsia que praticavam exercícios regularmente, apresentaram diminuição das convulsões em relação a indivíduos sedentários. Ainda não se sabe o mecanismo exato pelo qual há essa diminuição, porém, o estudo indica que a realização de atividade física regularmente pode modular a vulnerabilidade neuronal às crises epiléticas, de modo que a prática do exercício regula o equilíbrio excitatório e inibitório, diminuindo a frequência a duração das crises.

O estudo indica que a realização de exercícios físicos durante o período de desenvolvimento cerebral pós-natal poderia diminuir o risco do desenvolvimento de convulsões na fase adulta. Além disso, observou-se um melhor desempenho cognitivo e

menor probabilidade de comprometimentos neuronais na fase adulta nesses indivíduos, melhorando sua qualidade de vida e reduzindo os riscos futuros (ARIDA *et al.*, 2013; PONTON *et al.*, 2020).

Por conseguinte, apesar dos achados, é importante mencionar as limitações do estudo, como insuficiência de artigos em bases de dados, indisponibilidade de acesso a determinadas pesquisas, investigações em populações específicas que não condizem com a temática proposta, que apresentavam duplicidade.

CONCLUSÃO

O presente estudo identificou que as principais terapias complementares em uso na epilepsia são: religiosidade, fitoterapia, exercício físico, plantas medicinais, medicina tradicional chinesa, fisioterapia, flavonóides, musicoterapia, vitaminas e minerais, antioxidantes, entre outros. Observaram-se resultados melhores para os fitoterápicos, exercício físico, medicina tradicional chinesa, flavonóides e dietoterapias, apresentando respaldo científico de sua efetividade como tratamento complementar para epilepsia. Com relação às demais terapias, os estudos selecionados nesta revisão integrativa mostraram que há indícios de sua efetividade, melhorando a qualidade de vida e diminuindo o desenvolvimento, frequência e duração das crises epiléticas.

Recomenda-se o desenvolvimento de pesquisas mais robustas com objetivo de constatar a efetividade dessas terapias que além de mais acessíveis, causam menos efeitos adversos.

REFERÊNCIAS

ALQAHTANI, F. *et al.* Non-pharmacological Interventions for Intractable Epilepsy. **Saudi Pharmaceutical Journal**, v. 28, n. 8, p. 951-962, 2020.

ARIDA, R. M. *et al.* Experimental and clinical findings from physical exercise as complementary therapy for epilepsy. **Epilepsy & Behavior**, v. 26, n. 3, p. 273-278, 2013.

ASADI-POOYA, A. A. *et al.* Complementary and alternative medicine in epilepsy: a global survey of physicians' opinions. **Epilepsy & Behavior**, v. 117, p. 107835, 2021.

ASADI-POOYA, A. A.; HOMAYOUN, M.; SHARIFI, S. Complementary and integrative medicine in epilepsy: what patients and physicians perceive. **Epilepsy & Behavior**, v. 101, p. 106545, 2019.

ASMI, A. A. *et al.* Types and sociodemographic correlates of complementary and alternative medicine (CAM) use among people with epilepsy in Oman. **Epilepsy & Behavior**, v. 29, n. 2, p. 361-366, 2013.

BEATTIE, J. F. *et al.* Caregiver-reported religious beliefs and complementary and alternative medicine use among children admitted to an epilepsy monitoring unit. **Epilepsy & Behavior**, v. 69, p. 139-146, 2017.

BOSAK, M.; SŁOWIK, A. Use of complementary and alternative medicine among adults with epilepsy in a university epilepsy clinic in Poland. **Epilepsy & Behavior**, v. 98, p. 40-44, 2019.

BRACKNEY, D. E.; BROOKS, J. L. Complementary and Alternative Medicine: the mozart effect on childhood epilepsy a systematic review. **The Journal Of School Nursing**, v. 34, n. 1, p. 28-37, 2017

CARRIZOSA-MOOG, J. Epilepsia, actividad física y deporte. **Iatreia**, v. 30, n. 1, p. 47-55, 2017.

CHEN, C. *et al.* Complementary and alternative medicines use among pediatric patients with epilepsy in a multiethnic community. **Epilepsy & Behavior**, v. 60, p. 68-74, 2016.

DOERING, J. H. *et al.* Pattern and predictors of complementary and alternative medicine (CAM) use among pediatric patients with epilepsy. **Epilepsy & Behavior**, v. 29, n. 1, p. 41-46, 2013.

FARRUKH, M. J.; MAKMOR-BAKRY, M.; HATAH, E.; JAN, T. H. Impact of complementary and alternative medicines on antiepileptic medication adherence among epilepsy patients. **BMC Complementary Medicine and Therapies**, v. 21, n. 1, p. 1-9, 2021.

GAMBARRA, E. A. *et al.* Relação existente entre neurocisticercose e epilepsia. **Revista COOPEX**, v. 10, p. 1-10, 2019.

GOKER, Z. *et al.* Complementary and alternative medicine use in Turkish children with epilepsy. **Complementary Therapies In Medicine**, v. 20, n. 6, p. 441-446, 2012.

GOUVEIA, L. D. G. *et al.* Uso e eficácia de cannabidiol em pacientes com epilepsia: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, p. 5209-5220, 2021.

HARTMANN, N. *et al.* Use of complementary and alternative medicine (CAM) by parents in their children and adolescents with epilepsy – Prevalence, predictors and parents' assessment. **European Journal Of Paediatric Neurology**, v. 20, n. 1, p. 11-19, 2016.

HERMONT, A. P. *et al.* **Revisões integrativas em Odontologia**: conceitos, planejamento e execução. *Arquivos em Odontologia*, v. 57, p. 3–7, 2022.

IAO, F. *et al.* Review of the use of botanicals for epilepsy in complementary medical systems — Traditional Chinese Medicine. **Epilepsy & Behavior**, v. 52, p. 281-289, 2015.

İŞLER, A. *et al.* Complementary and alternative approaches used by parents of children with epilepsy on epilepsy management. **Epilepsy & Behavior**, v. 32, p. 156-161, 2014.

KWON, J. Y. *et al.* Perspective: therapeutic potential of flavonoids as alternative medicines in epilepsy. **Advances In Nutrition**, v. 10, n. 5, p. 778-790, 2019.

LI, Q. *et al.* Traditional Chinese medicine for epilepsy. **Cochrane Database Of Systematic Reviews**, n. 3, p. CD006454-CD006454, 2014.

MCCONNELL, B. V. *et al.* Use of complementary and alternative medicine in an urban county hospital epilepsy clinic. **Epilepsy & Behavior**, v. 34, p. 73-76, 2014.

MESRAOUA, B. *et al.* Complementary and alternative medicine (CAM) for epilepsy treatment in the Middle East and North Africa (MENA) region. **Epilepsy Research**, v. 170, p. 106538, 2021.

PONTON, J. A. *et al.* A pediatric patient with autism spectrum disorder and epilepsy using cannabinoid extracts as complementary therapy: a case report. **Journal Of Medical Case Reports**, v. 14, n. 1, p. 1-7, 2020.

RING, A. *et al.* What really matters? A mixed methods study of treatment preferences and priorities among people with epilepsy in the UK. **Epilepsy & Behavior**, v. 95, p. 181-191, 2019.

SHARP, G. B.; SAMANTA, D.; WILLIS, E. Options for Pharmacoresistant Epilepsy in Children: when medications don't work. **Pediatric Annals**, v. 44, n. 2, p. e43-e48, 2015.

SILVA, S. H. S. *et al.* Efeito Mozart em crianças com epilepsia. **Revista Brasileira de Filosofia e História**, v. 11, p. 200-208, 2022.

SOUSA, M. N. A. Revisão Integrativa da Literatura: esclarecendo o método. In: SOUSA, M. N. A.; SANTOS, E. V. L. **Medicina e pesquisa: um elo possível**. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 345-358.

